

CONDICIONAIS, ATENUAÇÃO E POLIDEZ: UM ESTUDO DAS ESTRATÉGIAS COMUNICATIVAS DAS CONDICIONAIS¹

Táisa Peres de OLIVEIRA²

RESUMO: O objetivo central deste artigo é explicar o funcionamento das condicionais realizadas como estratégias de polidez no português oral do Brasil, segundo uma orientação funcionalista de estudo da linguagem, considerando, essencialmente, o modelo proposto por Dik (1989, 1997). Tendo em vista a proposta de Brown e Levinson (1987), pretendemos entender como as condicionais podem expressar polidez e quais propriedades da condicional atuam na expressão desse valor.

PALAVRAS-CHAVE: Condicional; hipoteticidade; atenuação; preservação da face; polidez.

Introdução

O grau de hipoteticidade das construções condicionais possibilita seu uso com uma pluralidade de funções, entre essas a expressão de polidez.³ Segundo Ford (1997), a hipoteticidade manifesta pelas condicionais está associada à expressão de opcionalidade/alternatividade, o que permite ao falante atenuar os efeitos indesejados que um enunciado pode produzir em uma interação.

Partindo da proposta de Brown e Levinson (1987), que entendem a polidez como a atividade de preservação da face, neste trabalho pretendemos discutir as relações entre as propriedades formais e funcionais das condicionais que subjazem à manifestação da polidez por meio desse tipo oracional. Assim, as orações condicionais serão analisadas segundo a função comunicativa que desempenham no evento discursivo, considerando-se também os aspectos formais relativos a essas construções.

Acreditamos que a descrição de fatores que possibilitam o uso das construções condicionais como um mecanismo de expressão de determinados valores, neste caso, a expressão da polidez, possibilitará uma visão mais ampla das estratégias comunicativas de que os falantes

¹ Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado intitulada *A manifestação da polidez nas orações condicionais do português do Brasil*, defendida em 2004, no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas - UNESP. Esta pesquisa foi financiada pela CAPES.

² Doutoranda em Linguística e Língua Portuguesa - Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - 14800-901 - Araraquara - SP - Brasil. Endereço eletrônico: taisaoliveira@yahoo.com

³ Outras possibilidades de uso são a expressão de promessa e ameaça.

dispõem quando em contextos reais de interação. Nesse sentido, faz-se necessária uma teoria que conjugue os aspectos funcional e formal da linguagem na investigação lingüística. Este trabalho considerará, portanto, além da proposta de Brown e Levinson, segundo a qual entendemos a polidez, a teoria da Gramática Funcional (DIK, 1989, 1997) que, tomando a língua como um sistema multifuncional, propõe que o estudo das estruturas lingüísticas deve levar em conta sua função dentro do contexto de uso, considerando, portanto, aspectos extralingüísticos que, acredita-se, são determinantes do modo como o falante estrutura seu discurso.

Assim, partindo da concepção funcionalista de língua como instrumento de interação social é que, neste trabalho, pretendemos analisar as construções condicionais realizadas como estratégias de polidez no português oral do Brasil.

Polidez e linguagem

A polidez é considerada por diversos estudiosos como o elemento básico da ordem social e, assim, uma pré-condição para a cooperação mútua entre os indivíduos em um intercâmbio social qualquer. Apesar de se tratar de um valor definido socioculturalmente, a polidez, tomada no sentido mais geral que o termo permite, transcende barreiras culturais, sendo considerada um valor universal, no sentido de que existe em qualquer sociedade e, assim, a estreita relação entre língua e polidez pode ser observada em qualquer sociedade.

Em geral, os autores que estudam polidez e linguagem afirmam que as estratégias de polidez são usadas em situações nas quais há risco de conflito entre os interactantes.

Brown e Levinson (1987) afirmam que todo ser humano tem *face*, a auto-imagem pública dos indivíduos, que consiste em dois aspectos:

- a) **face negativa**: contestação de territórios, reserva pessoal, direito a não distração, i.e., liberdade de ação e de não sofrer imposição;
- b) **face positiva**: auto-imagem ou personalidade (incluindo o desejo de que essa auto-imagem seja apreciada e aprovada) clamada pelos interactantes.⁴

A face negativa está associada ao que comumente entendemos por polidez, isto é, não impor nada a outrem, respeitando sua liberdade de ação. Já a face positiva - segundo os próprios autores, um tanto mais

⁴ a) *negative face*: the basic claim to territories, personal preserves, rights to non-distraction, i.e. freedom of action and freedom from imposition; (b) *positive face*: the positive face consistent self-image or "personality" (crucially including the desire that this self-image be appreciated and approved of) claimed by interactants. (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61).

complexa - diz respeito ao desejo de ser percebido, admirado, aprovado, entendido pelos demais membros da comunidade.

O princípio orientador da teoria de Brown e Levinson é a idéia de que, em uma interação ordinária, há atos que são intrinsecamente ameaçadores à face, o que os autores denominam **FTAs** (*face-threatening-acts*) ou atos de ameaça à face (ex.: pedidos, ofertas, críticas, sugestões, apologias). Os atos de ameaça são determinados culturalmente, dependendo de como cada sociedade concebe seu valor. É importante ressaltar ainda que os atos dependem também das especificidades da situação comunicativa.

Brown e Levinson concebem a interação verbal como uma atividade inerentemente ameaçadora da face. Para esses autores, o simples fato de os indivíduos entrarem em contato provoca um desequilíbrio das faces. Por esta razão, os autores afirmam que, em geral, ao se engajarem em uma conversação, os indivíduos estão conscientes da vulnerabilidade da face e assim cooperam mutuamente para sua manutenção.

A atividade de preservação da face pode ser entendida, então, como parte da interação verbal, já que depende do equilíbrio das faces envolvidas o sucesso da interação. Isso implica afirmar que, mesmo não explicitamente, os participantes da interação estão o tempo todo monitorando as faces uns dos outros e, sempre que necessário, usam estratégias para afastar a possibilidade de conflito entre as faces.⁵ A função das estratégias de polidez é justamente evitar esse conflito, já que por meio dela o falante pode recuperar o equilíbrio das faces envolvidas na interação.

Assim, na proposta de Brown e Levinson, pode-se entender a polidez como um efeito de sentido produzido por certas estruturas linguísticas, em contextos específicos, usadas para amenizar os efeitos de um FTA, preservando a face ameaçada. Vários são os recursos linguísticos que podem atuar na expressão da polidez: o padrão entonacional, as estratégias de atenuação (cf. ROSA, 1992), as estratégias que promovem distanciamento entre o falante e seu enunciado (cf. KOIKE, 1992), os modalizadores epistêmicos (cf. CARRETERO, 1992), entre outros.

Neste trabalho nos centraremos no uso das orações condicionais como estratégia de polidez, considerando polidez, seguindo Brown e Levinson, como um efeito de sentido produzido por determinadas estruturas linguísticas para evitar efeitos indesejados provocados por um FTA, preservando a face de um dos interactantes.

⁵ É preciso mencionar que, em contextos específicos, o falante intenciona ameaçar a face do ouvinte.

As estratégias de polidez atualizadas pelas condicionais

Neste trabalho foram analisadas todas as orações condicionais iniciadas pela conjunção condicional *se*, realizadas com a função de preservar a face de um dos interactantes envolvidos na interação. O *cópus* é composto por 57 ocorrências coletadas em 54 inquéritos do NURC, considerando-se as três modalidades que formam o *cópus* original: EF (elocução formal), DID (entrevista entre documentador e informante) e D2 (entrevista entre documentador e dois informantes).

Observando as condicionais e sua atuação no discurso, pode-se distinguir dois tipos de condicional de polidez. O primeiro deles, e o menos freqüente, com 13 ocorrências, é aquele em que a condicional é usada para atenuar a força ilocucionária de atos que podem ser considerados impositivos, veiculados pela oração núcleo, como na seguinte ocorrência:

- (1) mas você devia procurar então... **se você é uma pessoa tão aberta...** como que eu acho que você... procura ser pelo menos... **você devia procurar se relacionar então com pessoas fora da colônia israelita...** (D2/RJ/147)

Note que a oração núcleo traz uma sugestão do falante que, em uma interação ordinária, pode ser entendida como ameaçadora da face do ouvinte, na medida em que influi em sua liberdade de ação e de não imposição.

A oração condicional é usada nesses casos devido a duas razões. Primeiramente, a hipoteticidade veiculada à condicional possibilita ao falante expressar a oração núcleo como uma alternativa, daí a afirmação de Ford (1997) de que a noção de alternatividade/opcionalidade associada à hipoteticidade da condicional atenua um ato considerado impositivo. Ou seja, o falante enuncia a oração núcleo como uma opção, e não como um fato dado, que poderia ser mais impositivo para o ouvinte.

Em segundo lugar, a situação hipotética criada pela oração condicional promove um certo distanciamento entre o falante e seu enunciado. Ao se distanciar de seu enunciado, o falante coloca o ouvinte como o centro desse mundo mental, procurando assim atenuar os efeitos que o ato veiculado pela oração núcleo poderia causar, preservando, então, a face do ouvinte. Isso pode ser observado na seguinte ocorrência:

- (2) sempre gostei muito de futebol aliás, eu até hoje gosto muito de futebol, assisto futebol e depois **se quiserem até posso dize(r) qual é o clube que eu pertencço se quise(rem)** mas... e de sorte também que por causa do futebol nós tínhamos certas regalias, (DID/PÁ/06)

Em (2) o falante cria a situação hipotética (se 'vocês' quiserem) na qual (até posso dizer) qual é o clube que eu pertencço) ocorre. Veja que em , 'vocês' o ouvinte constitui o elemento central, e não mais o enunciador ("ego") como em uma outra enunciação qualquer. É justamente esse distanciamento e a possibilidade de criar uma situação em que o ouvinte é tido como o centro da enunciação que faz da condicional um mecanismo produtivo na expressão de polidez

Além da sugestão, houve ocorrências de condicionais atenuando a força ilocucionária de ofertas, pedidos, recusas e permissão. Em todos esses casos, a hipoteticidade da condicional é usada para atenuar a força ilocucionária de um ato considerado ameaçador, uma vez que afeta a face do ouvinte no que diz respeito à sua liberdade de ação e de não imposição. Ao usar a condicional nesses contextos, o falante demonstra sua intenção em colaborar para a manutenção da face do ouvinte, e assim tenta garantir o fluxo da interação.

O outro tipo de condicional de polidez identificado no corpus, com 44 ocorrências, é aquele em que a condicional é usada para atenuar o valor de verdade da proposição veiculada pela oração núcleo. Como é o caso da ocorrência a seguir:

- (3) Loc: não... eu não sei... eu não sei o resultado... eu não soube... eu não... não... não acompanhei o resultado daquilo não...
Doc: a diferença parece que era bem grande...
Loc: era bem grande e não sei como elas estão... **foi em São Paulo... se eu não me engano...** (DID/RJ/373)

Nesses contextos, o falante usa a condicional para introduzir a oração núcleo em termos hipotéticos, colocando essa proposição sob o domínio da incerteza, descomprometendo-se com a verdade dessa proposição. Ao fazê-lo, o falante evita uma afirmação categórica, afastando a possibilidade de conflitos futuros caso seja constatada a não verdade de sua proposição. Esse tipo de condicional de polidez, diferentemente do primeiro, é usado em relação à face do próprio falante, no que diz respeito à necessidade de ser aprovado, entendido, etc. pelos demais membros da sociedade.

No corpus examinado para este trabalho, esse tipo de condicional de polidez foi atualizado também por outras três estruturas de condicional:

- (4) **o que é o regime sindical nos estados unidos é no, se não me falha a memória, terceiro conto, quarto conto**, uma coisa assim, (D2/PA/365)
- (5) é um livro: em que o éri veríssim/ o érico veríssimo... **relata uns episódios acho que da aguerra civil espanhola se eu... se tô bem lembrado...** e aí no: na manhã seguinte então:... voltei ao... à casa de saúde (DID/RF/71)

- (6) uma dificuldade de se dizer este humano, de dizer o humano desta forma então vejam **se essa minha premissa é correta, se essa minha premissa é correta, e esse dizer humano vai se colocar em diversos níveis**, a nível do social, nível político, nível econômico, enfim a nível de toda a atividade humana, (D2/PA/120)

Esse uso específico leva o estudo da condicional para o campo das modalidades, particularmente da modalização epistêmica. Lembrando que a modalidade epistêmica é definida "como os meios lingüísticos pelos quais o falante revela seu comprometimento em relação à verdade da proposição" (DALL'AGLIO-HÄTTNER et al, 2001, p.109), podemos afirmar, portanto, que, nos casos em que o falante utiliza a oração condicional para descomprometer-se com a verdade do conteúdo expresso pela oração núcleo, a oração condicional atua como modalizador epistêmico daquelas orações em que ocorre.⁶ Veja a ocorrência a seguir:

- (7) então fizeram... quatro ou cinco departamentos de medicina... cirurgia... neuropsiquiatria... e **se não me engano pediatria e puericultura... é um departamento à parte...** então (DID/231/SA)

Note que a condicional pode ser substituída por outros marcadores modais como os verbos *acho que* e *parece que*, considerados mecanismos reveladores da atitude do falante a respeito do conteúdo de seu enunciado, o que confirma o valor epistêmico de incerteza da condicional. Os exemplos abaixo ilustram essa possibilidade:

- (7)a então fizeram... quatro ou cinco departamentos de medicina... cirurgia... neuropsiquiatria... e **acho que pediatria e puericultura... é um departamento à parte...** então (DID/231/SA)

- (7)b então fizeram... quatro ou cinco departamentos de medicina... cirurgia... neuropsiquiatria... e **parece que pediatria e puericultura...** então (DID/231/SA)

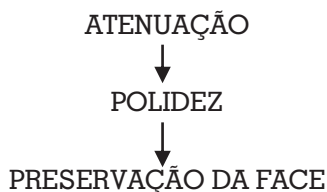
Até o momento, vimos que as orações condicionais podem realizar dois diferentes tipos de estratégias de polidez: (i) as estratégias usadas para atenuar a força ilocucionária de um ato, que, no caso das condicionais deste cópús, são voltadas à preservação da face do ouvinte; e (ii) as estratégias usadas para atenuar o valor de verdade de uma proposição, realizadas neste cópús para preservar a face do falante.

Observe, então, que a atenuação é o elemento comum na manifestação da polidez nos dois tipos de condicional de polidez acima mencionados. É justamente essa propriedade que liga as condicionais à manifestação de polidez, isto é, é pela capacidade de atuarem como

⁶ Neste trabalho não exploraremos a fundo a capacidade da condicional de se realizar como um modalizador epistêmico, o que deixaremos para trabalhos posteriores.

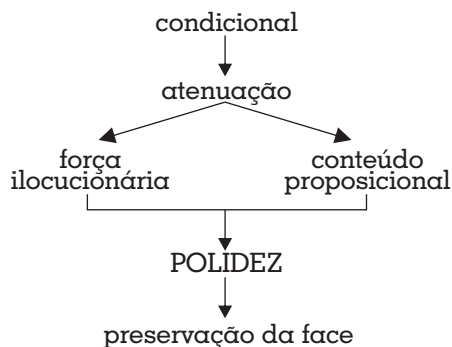
atenuador que as orações condicionais podem expressar polidez e serem usadas na atividade de preservação da face.

Assim, a relação entre atenuação, polidez e preservação da face pode ser representada pelo seguinte esquema:⁷



Esquema 1: Relação entre atenuação, polidez e preservação da face

Ou seja, a atenuação é um mecanismo que permite aos indivíduos expressarem polidez e assim preservarem as faces envolvidas em uma interação. No que diz respeito especificamente ao uso das condicionais como expressão da polidez na lingüística, o esquema seguinte demonstra a relação entre polidez e condicionais:



Esquema 2: Relação entre polidez e condicionais

A oração condicional, devido ao grau de hipoteticidade, atenua o enunciado, promovendo ou a atenuação da força ilocucionária ou o descomprometimento do falante, permitindo ao falante expressar polidez, preservando a face em questão.

Contudo, o grau de hipoteticidade parece não atuar sozinho no que diz respeito à manifestação da polidez por meio da condicional. Isso nos leva à necessidade de um exame das características formais dessas construções, o que faremos a seguir, procurando esclarecer as possíveis relações entre o componente formal da condicional e as funções comunicativas por ela atualizada.

⁷Esse esquema é uma versão adaptada do esquema original, apresentado em Oliveira (2004).

As condicionais de polidez: forma e função

O primeiro aspecto das estratégias de polidez atualizadas pelas condicionais que analisaremos diz respeito à relação semântica entre o satélite condicional e a oração núcleo que, por sua vez, determina a distribuição das condicionais nas camadas da oração.

Em sua Gramática Funcional, Dik (1989) propõe que as expressões linguísticas devem ser analisadas segundo sua estrutura subjacente abstrata, na qual distinguem-se quatro níveis: a) termos; b) predicação; c) proposição; d) oração. Dik acrescenta que em cada um desses níveis atuam satélites, caso da oração condicional, entendida na Gramática Funcional como um meio de modificar e qualificar a camada em que atua.

As condicionais que atualizaram as estratégias de polidez atenuadoras da força ilocucionária atuam na camada dos atos de fala, podendo ser um satélite **ilocucionário**, ou na camada da oração, sendo um satélite **oracional**. As condicionais ilocucionárias atuam no sentido de conferir relevância a um ato de fala.

Esse é o caso da ocorrência seguinte, em que a oração condicional cria o quadro de referência dentro do qual é adequado enunciar o ato de fala veiculado pela oração núcleo.

- (8) eu me lembro é um problema de ladrão... mas foi em outra casa que eu morei na rua dezenove de fevereiro... se você quiser que eu descreva essa casa... eu também descrevo... essa era () horrível... essa era uma casa desagradável... porque era uma casa muito mal construída (DID/RJ/233)

Já as condicionais classificadas como satélites oracionais, segundo Hengeveld (1992), especificam as condições de felicidade do ato de fala expresso pela oração com que se relacionam. É o que se vê na ocorrência (9), em que a condicional avalia a posição do falante em relação ao contexto comunicativo.

- (9) porque eu punha os badulaques minha filha... eu ia pras reuniões da minhas ti/... das minhas tias em São Paulo... pegava pulseiras e () colar... quer dizer... eu tinha um prazer... o prazer não era estético naquela época... era um prazer incrível... eh:... **era um prazer quase erótico... se eu posso dizer assim... me olhar no espelho e me ver toda cheia de badulaques...** sabe... desde aquela época que () confusão psicológica... (D2/RJ/147)

Já as condicionais realizadas como estratégias de polidez atenuadoras do valor de verdade são classificadas como satélite **proposicional**, uma vez que operam na camada da proposição, relacionando-se com o conteúdo proposicional da oração núcleo. É o que se vê na ocorrência a seguir:

- (10) banana parecida... **parece que se não me engano era banana-figo que eles chamam aqui no Rio...** mas lá ainda é muito maior que a banana-figo... (DID/RJ/328)

Como pode ser observado, as condicionais sob exame apresentam uma distribuição diferenciada nas camadas da estrutura subjacente da oração, o que implica dizer que elas contribuem de modo diferenciado para a oração com a qual se relacionam. Essa diferença é resultante dos diferentes elementos que o satélite condicional tem sob seu escopo, correspondendo à diferença entre os tipos de condicional de polidez que apresentamos na seção anterior. No caso das estratégias cuja função é atenuar a força ilocucionária de um ato, o satélite condicional atua na camada dos atos de fala ou da oração, já nas estratégias que têm por função atenuar o valor de verdade de um enunciado, o satélite condicional incide sobre a proposição.

Outra diferença percebida nas condicionais de polidez, quanto ao componente formal, diz respeito aos tempos e modos verbais que figuram nas construções analisadas. Nas condicionais usadas para atenuar a força ilocucionária de um ato, predomina o uso de tempos do subjuntivo, mais freqüentemente o futuro, para a realização da prótase, e tempos do modo indicativo, preferencialmente o presente, para a realização da apódose. Houve também ocorrências da condicional no imperfeito do subjuntivo e presente do indicativo; a oração núcleo ocorreu ainda no imperfeito do subjuntivo e no imperfeito do indicativo. Essa preferência pelo modo subjuntivo pode ser explicada por duas razões. Primeiramente, o uso de tempos do subjuntivo está associado à expressão de um maior grau de hipoteticidade (menor probabilidade de ocorrência), o que acreditamos ser mais produtivo para a manifestação da polidez, já que quanto maior for o grau de hipoteticidade, mais o enunciado é concebido como incerto, e por isso será menos impositivo. Por outro lado, segundo afirma Koike (1989, 1992), os tempos do subjuntivo distanciam o ato de ameaça do momento da enunciação, e, por conseguinte, quanto maior for esse distanciamento, mais polido será o enunciado.

Já nas estratégias realizadas com a função de diluir o valor de verdade de um enunciado, as condicionais ocorreram sempre no presente do indicativo, o que se deve ao fato de que, uma vez realizadas como uma expressão atitudinal, as condicionais fazem referência ao evento da fala, daí a preferência pela referência temporal momentânea a esse evento, o oposto do que ocorre no outro tipo de condicional de polidez, em que se

busca o distanciamento entre o enunciado e a situação comunicativa. Além disso, esse tipo de condicional fixou-se no português⁸ como uma expressão cristalizada, não havendo para a condicional flexibilidade modo-temporal. O quadro a seguir mostra as correlações modo-temporais das condicionais de polidez que ocorreram no *cópus* deste trabalho:

Condicionais de polidez					
Atenuadoras de força ilocucionária			Atenuadoras de valor proposicional		
Oração condicional	Oração núcleo	Total	Oração condicional	Oração núcleo	Total
Futuro do subjuntivo	Presente do indicativo	8	Presente do indicativo	Presente do indicativo	21
Imperfeito do subjuntivo	Imperfeito do subjuntivo	1		Pretérito perfeito do indicativo	11
Presente do indicativo	Presente do indicativo	1		Pretérito imperfeito do indicativo	9
Presente do indicativo	Pretérito imperfeito do indicativo	1			
Total ⁹		11			41

Quadro 1 - Correlação modo-temporal nas condicionais de polidez

Os dois tipos de condicional de polidez identificados neste trabalho se mostraram diferentes ainda no que diz respeito à posição da oração condicional em relação à oração núcleo, o que pode ser visto no gráfico abaixo, em números de ocorrências:

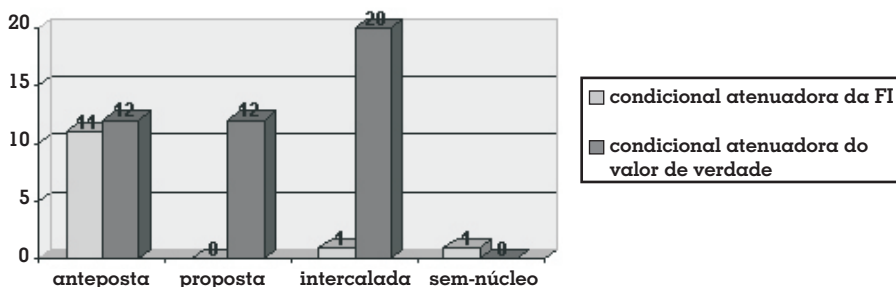


Gráfico 1 - Posição das condicionais de polidez

As condicionais que se realizaram com a função de atenuar a força ilocucionária de um ato ocorreram preferencialmente antepostas em relação à oração núcleo, seguindo a tendência já apontada por autores, tais

⁸ Esse parece ser o caso também do inglês, com a expressão "If I'm not mistaken".

⁹ A diferença entre o total de condicionais de polidez e o total apresentado nessa tabela se deve ao fato de que algumas condicionais não apresentam oração núcleo desenvolvida com verbo.

como Hirata (1999) para o português escrito e Ferreira (1997) para o português falado. Apesar de ser a posição favorita para a condicional ocorrer, acreditamos que a condicional anteposta pode ser considerada mais polida em relação à condicional posposta, já que aquela apresenta a "opção" antes de expressar o ato ameaçador. Confira as ocorrências:

Anteposta:

- (11) claro, eu também acho, **se vocês permitirem eu só vou fazer uma uma observação que pra mim é bastante importante**: o ensino é a projeção é a projeção sempre necessariamente, (D2/PA/120)

Intercalada:

- (12) tem... porque lá você não tem problema de transporte porque a cidade é pequena **você se quiser vai a pé**... a universidade é no centro da cidade... (D2/RJ/355)

As orações sem núcleo, segundo Ford (1997), são usadas em situações nas quais parecem ser suficientes para conferir o sentido de polidez desejado pelo falante, como na ocorrência abaixo:

- (13) bom... talarharim... lasanha... ravióli... ou **se você quiser incluir pastéis e empadas também no/no setor das massas**... agora engorda muito (DID/RJ/02)

Por outro lado, na análise das condicionais que atenuaram o valor proposicional de um enunciado, verificamos a preferência pela posição intercalada; as posições anteposta e posposta tiveram o mesmo número de ocorrências. Essa preferência pela posição medial contraria a literatura que aponta uma tendência geral para a condicional se antepor à oração núcleo (cf. FERREIRA, 1997; HIRATA, 1999; NEVES, 1999). Os teóricos sugerem também que a intercalação da condicional é a posição menos freqüente, o que dá maior relevância a essa diferença. Observe as ocorrências:

Anteposta:

- (14) o primeiro houve uma prova integrada que não não foi valorizada, **se eu não me engano foi em sessenta e cinco**, em sessenta e seis foi a primeira prova integrada com valor (D2/PA/283)

Posposta:

- (15) O outro caminho era a Voluntários da Pátria, o nome das ruas veio inclusive de moradores, **a D. Bambina era uma filha do Marquês de Olinda, se não me engano**. Então a gente entende a nomenclatura sim porque eram, grandes propriedades, eram grandes chácaras o que havia aí né, que, foram depois abertas. (DID/RJ/133/REC)

Intercalada:

- (16) porque nos Estados Unidos em todas as cidades se se cuspir no chão paga-se uma multa... é... que é muito elevada... papel no chão-- há muitos anos atrás... nos anos setenta... já custava cem dólares... em muitas das cidades... e nas estradas jogar um papel pela janela do carro... um... copo lá o que fosse... custaria cem dólares mas curpir/**cuspir no chão na cidade de Washington... se não me engano custa quinhentos dólares...** (DID/RJ/AC/27)

Essa alta frequência de condicionais intercaladas está associada ao caráter formulaico desse tipo de condicional. Assim, quanto mais cristalizada, mais compacta, a condicional tende a perder seu caráter de oração. Podemos afirmar, portanto, que as condicionais desse tipo são uma estrutura mais gramaticalizada, perdendo, dessa maneira, algumas características de sua categoria inicial como, por exemplo, a ordem não-marcada, daí sua flexibilidade posicional. O gráfico 1 ilustra a diferença entre os dois tipos de condicional de polidez quanto à ordem.

Até o momento apresentamos apenas as diferenças quanto ao comportamento estrutural das condicionais de polidez. No entanto, a partir da análise dos dados, é possível observar também algumas semelhanças. Em relação ao grau de hipoteticidade das condicionais, o comportamento desses dois tipos de estratégia é bastante semelhante.

O grau de hipoteticidade distingue as condicionais quanto à probabilidade de ocorrência do evento enunciado em *factuais*, *potenciais* e *contrafactuais*. No *cópus* deste trabalho, com exceção de uma ocorrência de condicional *contrafactual*, aquelas que expressam um maior grau de hipoteticidade e, portanto, uma menor probabilidade de ocorrência, todas as outras condicionais do *cópus* são do tipo eventual, que repousa sobre o plano da potencialidade.

No entanto, as construções sob análise diferem no que diz respeito ao modo de marcar a eventualidade. Nas condicionais que atenuaram a força ilocucionária de um ato, a eventualidade é marcada pelo uso do futuro do subjuntivo na prótase, enquanto nas condicionais usadas para diluir o valor proposicional de um enunciado, essa eventualidade é assinalada pela capacidade da própria oração condicional de atuar como um modalizador epistêmico, expressando o valor de incerteza. É o que demonstram as ocorrências abaixo:

- (17) eu me lembro é um problema de ladrão... mas foi em outra casa que eu morei na rua dezenove de fevereiro... **se você quiser que eu descreva essa casa... eu também descrevo...** essa era () horrível... essa era uma casa desagradável... porque era uma casa muito mal construída (DID/RJ/233)

- (18) teve um caso de uma menina que saiu de um colégio de, que saiu de um convento, estudava em um convento, **se eu não me engano num colégio de freira que levou três anos a entra(r)**, até entra(r) numa sala de aula, (D2/PA/283)

A única ocorrência de condicional contrafactual no cópuz segue abaixo:

- (19) **talvez se você tivesse me perguntado do Catete... largo do machado... eu talvez pudesse dizer alguma coisa...** porque eu acho que o Catete tem um bocado de fisionomia... não é? você já foi ao lamas? (DID/RJ/233)

Considerações finais

Neste trabalho objetivamos analisar o funcionamento de um tipo específico de condicional: aquelas realizadas como estratégias de polidez. Tendo como base a proposta de Brown e Levinson (1987) e o modelo funcionalista de Dik (1989, 1997), buscamos entender a relação entre a estrutura da condicional e a expressão da polidez no português oral do Brasil.

Verificamos que as condicionais de polidez podem atuar de duas maneiras. No primeiro contexto de uso, a condicional é utilizada para atenuar a força ilocucionária de um ato considerado impositivo para o ouvinte, como pedidos, sugestões, etc. Em um outro contexto, o falante faz uso da condicional para se descomprometer com a verdade do conteúdo da proposição enunciada.

Os resultados da análise demonstram que, mesmo dentro de um conjunto mais amplo, o da manifestação da polidez, as propriedades da condicional podem ser usadas de diferentes maneiras, realizando assim diferentes subtipos de estratégias para expressar esse determinado valor. Essa diferença se refletiu no modo como as condicionais são estruturadas já que, apesar de serem usadas na expressão de polidez, as construções apresentaram características formais distintas de acordo com o subtipo de estratégia que atualizam, formando dois grupos claros, o que mostrou ser pertinente a nossa opção por analisar essas construções separadamente.

O estudo das condicionais de polidez contribui não somente para uma compreensão mais ampla do funcionamento desse tipo de construção, mas também para o entendimento da relação entre a linguagem e a polidez, fenômenos essenciais às relações humanas.

Agradecimentos

Agradeço à Profa. Dra. Marize Mattos Dall'Aglio Hattner pela leitura deste artigo. Os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

OLIVEIRA, T.P. Conditionals, mitigation and politeness: a study on the communicative strategies of conditionals. *Alfa*, São Paulo, v. 49, n.1, p.123-137, 2005.

ABSTRACT: The aim of this paper is to investigate the conditional clause used as a politeness strategy in Brazilian spoken Portuguese, according to the functional model proposed by Dik (1989, 1997). Taking into account Brown and Levinson's proposal (1987), we intend to explain how conditional clauses express politeness.

KEYWORDS: Conditional; hypotheticality; mitigation; face saving; politeness.

Referências bibliográficas

- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- CARRETERO, M. The role of epistemic modality in English politeness strategies. *Miscelânea: a Journal of English and American Studies*, v. 13, 1992, p.17-36.
- DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. et al. Uma investigação funcionalista da modalidade epistêmica. In: NEVES, M. H. M. (Org.) *Descrição do português: definindo rumos de pesquisa*. Araraquara: Cultura Acadêmica, 2001, p. 103-143.
- DIK, S. C. *The theory of functional grammar*. Dordrecht: Foris, 1989. Pt.1.
- _____. *The theory of functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997. Pt. 2.
- FERREIRA, A. B. F. *A variação posicional das orações condicionais: uma análise funcional-discursiva*. 1997. 138f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 1997.
- FORD, C. E. Speaking conditionally: some contexts for if-clauses in conversation. In: ATHANASIADOU, A. et al. *On conditionals again*. Amsterdam: John Benjamins, 1997, p. 387-413.
- HENGEVELD, K. *Non-verbal predication: theory, typology, diachrony*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. (Functional Grammar Series, v. 19)
- HIRATA, F. B. M. *A hipotaxe adverbial condicional no português escrito contemporâneo do Brasil*. 1999. 231f. Dissertação (Mestrado em Letras) Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 1999.

- KOIKE, D. A. Requests and the role of deixis in politeness. *Journal of Pragmatics*, v. 13, p. 187-202, 1989.
- _____. *Language and social relationship in Brazilian Portuguese: the pragmatics of politeness*. Austin: University of Texas Press, 1992.
- NEVES, M. H. M. As construções condicionais. In: _____. (Org.) *Gramática do português falado: novos estudos*. Campinas: UNICAMP, São Paulo: FAPESP, 1999. v. 7.
- OLIVEIRA, T. P. *A manifestação da polidez nas orações condicionais do português do Brasil*. 2004. 135f. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2004.
- ROSA, M. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto, 1992.